



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 09

Castelo de cartas

Branca Vianna: Seja bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Uma pergunta que começou irônica que ficou cada vez mais sincera com o passar dos anos, ao menos para os mais jovens, é a seguinte: o que é que o povo fazia pra passar o tempo antes de existir a internet?

Assim, eu nasci bem antes da internet, então eu conheço a resposta a essa pergunta, lembro bem desse mundo estranho e analógico. É o meu. E passar o tempo não era difícil.

Mas tem alguns artefatos desse período da história humana que realmente dão a noção dessa diferença aparentemente tão incompreensível

O castelo de cartas, por exemplo.

Os jogos de cartas foram inventados em algum momento da Idade Média.

E em algum momento nos séculos seguintes – em um lampejo de criatividade ou de tédio profundo, alguém olhou prum baralho e pensou: "taí".

O castelo de cartas é uma arte fina.
De paciência. De controle do próprio corpo.
De lidar com a frustração.

No fundo é um passatempo, né?
Só que sempre vai ter gente que leva os passatempos muito a sério.
No comecinho do século XX, com mais acesso a câmeras fotográficas,
começou a ter gente fazendo castelos enormes, de quinze, vinte andares, e
tirando foto pra comprovar.

Hoje em dia, depois da internet, a gente usa a frase “castelo de cartas” mais no
sentido de alguma coisa – alguma história, alguma obra – que foi construída
de um jeito tão frágil que qualquer ventinho pode derrubar.

Ironicamente, o recordista atual de castelos de cartas é um cara que
desenvolveu uma técnica que é o contrário de tudo isso.
Ele faz castelos, esculturas inteiras, que seguram até um tijolo de concreto – e
isso só usando técnicas da arquitetura.

Mas não é desses milagres de engenharia que a gente vai falar aqui hoje.

No episódio dessa semana, a gente tem duas histórias que, depois de um
toquezinho de nada, viraram do avesso.

Quem conta a primeira é o repórter da revista piauí João Batista Jr.

João Batista Jr.: Em novembro de 2020, eu fiquei sabendo de uma história improvável. Um sujeito filho de pais brasileiros teve firme na disputa pra ser eleito representante de um distrito do estado de Nova York. Mais do que isso: ele era gay e republicano, de origem humilde num dos distritos mais ricos do estado, e católico praticante concorrendo pra representar uma região predominantemente judaica.

Apesar de tudo, durante um tempo, parecia que esse cara tinha sido eleito. No dia 3 de novembro, os nova-iorquinos foram às urnas, e até o dia 10, o George Santos, o candidato republicano, tava batendo o democrata por uma margem de uns 4 mil votos. Passada uma semana, dá pra soltar os confetes, né?

Então. Nos dias seguintes, chegaram mais milhares de votos pelos correios que reverteram o resultado. Votos legais, feitos corretamente, só que chegaram com atraso graças às vicissitudes do sistema eleitoral americano. O George só saboreou a vitória durante uma semaninha. Eu conversei com ele logo depois, e ele disse que se sentiu roubado. Mas parece que essa história toda deixou um gostinho de quero mais.

Daí em 2022 o George concorreu de novo, no mesmo distrito – só que esse embate chamou muito mais a atenção, porque ele foi histórico: foi a primeira disputa eleitoral pro congresso americano em que os dois candidatos eram abertamente gays.

E, dessa vez, o George levou.

Logo depois da vitória, claro, eu quis entrevistar ele de novo. Eu queria saber o que que tinha mudado nesses últimos dois anos pra ele conseguir conquistar os eleitores do terceiro distrito de Nova York – dessa vez, pra valer.

A gente marcou, mas essa primeira tentativa não deu certo porque a gente teve algumas dificuldades técnicas – mas principalmente porque o deputado recém-eleito tava tão ocupado ele que só ia poder me dar 20 minutos... e 20 minutos não é nada, né, mal dá pra uma entrevista protocolar.

Quando a gente remarcou, eu tive que implorar por um pouco mais de tempo. E rolou.

George Santos: Eu tenho que sair daqui, eu tenho que correr. Minha assessoria inteira está em pânico que eu vou ficar sentado uma hora com vocês agora. Vamos lá, vamo começar antes que eles me matem.

João Batista Jr.: Ele tá falando com a gente no plural, porque eu fiz essa entrevista com a Flora Thomson-DeVeaux, diretora da Rádio Novelo. Mas começando pelo começo. Depois do bafafá de 2020, eu perguntei quantos votos ele tinha tido dessa vez. Isso foi no comezinho de dezembro.

George Santos: O total, o total dos votos foram em torno de... a diferença de votos eu posso dizer que é de 21.600 votos. O total dos votos, acredite se quiser, por enquanto, não é oficial [risos]. Eu acho que se você lembra da eleição de 2020, que tem muito voto retardatário, que ainda vai entrando, então a gente não vai ter uma conta oficial até o dia 14 de dezembro, que é quando a gente oficializa a nossa eleição. E aí eu... qualquer número que eu te der agora pode trocar de agora até lá. Então por formas de manter os fatos de acordo para não depois dizerem: "ah, o George mentiu o número de votos dele" – não temos o número total de votos ainda [risos].

João Batista Jr.: Bom, nessa altura do campeonato já dá pra dizer: foram 21.579 votos de diferença entre o George e o candidato democrata.

Mas eu reparei no cuidado que o George tomou pra não cometer nenhum deslize. Porque, afinal de contas, ele tava num momento de transição. Um mês antes, ele era um cidadão qualquer. Agora ele era um membro eleito do Congresso dos Estados Unidos.

George Santos: Você, quando eleito, você é um mensageiro do povo e, se você não é, não faz isso de uma forma boa, então você faz um trabalho ruim. Eu não gosto de fazer nada ruim, então eu vou fazer um trabalho bom. A minha plataforma de campanha foi bem simples, foi para o povo. Eu digo assim: eu sou do povo, eu sou povão. Como a gente diz, tem aquelas festas de carnaval tem, tem o povo, tem a galera vip. Eu sou do povo, eu sou eu sou da pipoca.

João Batista Jr.: Eu pedi pro George contar um pouco da história que levou ele da pipoca pra galera VIP do Congresso aos 30 e poucos anos.

George Santos: A minha mãe chegou aqui. Minha mãe foi faxineira, babá, cozinheira. Ela fez tudo que o imigrante faz. O meu pai, pintor, trabalhou em obra. Meu pai trabalha com construção até hoje, é dono de empresa, já desfez a empresa e aquilo. A vida americana não é fácil. As pessoas acham que vir pra cá é um mar de rosas. A minha vida não foi fácil. Eu tenho uma história de vida também, que de certa forma, não foi um mar de rosas. Nasci em um apartamento que era um porão, por exemplo. Ninguém – as pessoas olham muito agora o George, com 34 anos, mas não sabe a história que vem atrás de George antes dos 34. E que não foi legal, não foi perfeita. A gente passou por muito perrengue.

João Batista Jr.: Pelo que o George contou, depois de alguns anos trabalhando no mercado financeiro, os tempos de perrengue ficaram definitivamente para

trás. Porque ele falou pra gente que ele ia doar o salário dele de deputado. Que não é pouca coisa.

George Santos: São 174 mil dólares por ano, no qual inclusive eu decidi que não vou receber, vou receber, mas vou doar. Então já escolhi quatro ONGs na qual, a cada trimestre, eu vou estar entregando um cheque para o lucro líquido do meu salário.

João Batista Jr.: Eu achei isso impressionante, ainda mais porque um deputado do Congresso americano não pode ter outro emprego.

George Santos: Eu vou viver só de dividendos e de distribuição de investimentos que eu tenho atual.

João Batista Jr.: Então você é rico?

George Santos: Pergunta indiscreta. Digamos que a gente vive uma vida confortável hoje.

João Batista Jr.: Eu continuei fazendo algumas perguntas indiscretas, mas ele não quis dar mais detalhes.

George Santos: Cê sabe que existem investimentos que te rendem dividendos mensais, né, João?

João Batista Jr.: Então o próximo podcast vai ser na verdade, sobre como ficar de rendimentos sem precisar trabalhar porque eu quero essa dica. A minha amiga Flora também quer, porque é o sonho da nossa vida não trabalhar. Têm rendimentos e poder...

Flora Thomson-DeVeaux: Abdicar de um salário.

João Batista Jr.: Não é?

Flora Thomson-DeVeaux: Muito legal.

George Santos: Eu acho que é isso parte... sei lá, da minha formação. Eu corri atrás, olha, gente, eu fui pobre por muitos anos, muito pobre inclusive, e hoje em dia eu me sinto sinceramente abençoado. Acho que é energia de carma, você bota coisa boa para o universo e o universo te joga coisa boa.

João Batista Jr.: Uma das coisas que mais me interessavam sobre esse primeiro brasileiro-americano eleito pro Congresso dos Estados Unidos era o fato de que ele era filho de imigrantes.

Pra mim, era um pouco estranho que um filho de imigrantes fosse aderir a um partido cujos líderes andam batendo o bumbo da deportação pra geral. E de fato, o George é muito pró-imigração.

George Santos: Mas esse país tem uma oportunidade de sonho americano para mim, para minha mãe, de que os filhos dela vivem o sonho americano. Ela veio em busca dele. Bem antes de ela falecer, ela falou: "Meus filhos, vocês são tudo para mim. O sucesso de vocês é o meu sucesso significa que a gente conseguiu", entendeu? Então, quando eu falo do sonho americano, que é uma coisa que eu usei muito durante a campanha, só filho de imigrantes vai entender o que é o sonho americano e como esse país é construído de imigração.

João Batista Jr.: Imigração... mas só imigração legal.

George Santos: A minha família inteira, de modo geral, migrou para cá de forma legal. Por isso que eu sou assiduamente crítico de pessoas que querem iniciar o seu sonho americano e a aquela jornada e querem iniciá-la de forma errônea. Eu acho assim: os Estados Unidos foi criado em imigração, foi criado em imigração, em diversidade. Eu incentivo extremamente as pessoas que querem vir para cá a fazer. Mas eu também incentivo que seja feita de forma correta.

João Batista Jr: Quando eu sentei pra falar com o George, ele tava num momento interessante na carreira dele, que é o momento em que um político eleito tem que começar a fazer jus às promessas de campanha. E em 2022, segundo George, o povo do terceiro distrito de Nova York tava preocupado com coisas bem concretas. O custo de vida, o preço do combustível, a inflação, que pela primeira vez em décadas voltou a incomodar nos Estados Unidos...

George Santos: Eu concorri com a plataforma de inflação, crime... a cidade de Nova York, o estado de Nova York, está perigoso.

João Batista Jr: Vou só dar um pause aqui porque essa tem sido uma pauta bem importante do partido republicano nos Estados Unidos: a de que o crime tá subindo muito em muitos lugares. Sobretudo nas grandes cidades. E, sobretudo, nas grandes cidades governadas por democratas, como é o caso de Nova York.

George Santos: A cidade de Nova York não é uma cidade que é a mesma cidade que eu cresci, que a gente podia sair de noite, 1h da manhã, 2h, vamos pegar um lanche. Isso é perigosíssimo você fazer isso hoje.

João Batista Jr.: É verdade que, nos últimos anos, as taxas de criminalidade subiram na cidade e no estado de Nova York. Mas o George cresceu em Nova York nos anos 1990, num pico histórico de criminalidade. Hoje, mesmo depois da subida recente, a cidade tem 80% menos homicídios do que nos anos 1990. Quase quatro vezes menos assassinatos per capita do que o Rio de Janeiro, por exemplo.

Mas ok, muitas vezes a política se faz não a partir de estatísticas, e sim pelo feeling, pela experiência pessoal. Talvez fosse o caso do George.

George Santos: E já em — no verão de 2021, no meio da Quinta Avenida, com a com a 55, eu fui assaltado por dois homens. Antes de qualquer pergunta, não foram negros, eram brancos inclusive [ri], mas eles me assaltaram, levaram minha pasta, levaram meus sapato e meu relógio. E isso foi na luz do dia. Eram três e pouca da tarde. Eu estava saindo do meu escritório, indo pra garagem, pegar meu carro, e eu fui assaltado. A minha casa foi violada...

João Batista Jr.: Eles arrancaram seus sapatos em plena Quinta Avenida.

João Batista Jr.: Não sei se dá pra detectar um pouco de incredulidade na minha voz. Depois eu pedi o registro do B.O. pra assessoria dele, mas até o fechamento dessa história, eles não tinham respondido. Só que, logo na sequência, o George emendou outro exemplo de violência que ele teria sofrido, e que parecia um pouco diferente.

George Santos: É real, é surreal o que a gente vive aqui. Em janeiro de 2021, a minha casa sofreu vandalismo.

João Batista Jr.: No final de 2020, o George e o marido foram pruma festa de gala em Mar-a-Lago, naquele famoso resort do ex-presidente Donald Trump na Flórida. Como era o auge da pandemia e muito pouca gente ali aderiu às máscaras, os convidados foram criticados – entre eles, o George. Como consequência disso, das críticas à ida à festa em plena quarentena, ele disse que ele teria sido ameaçado, que o marido teria sido demitido, e que a casa deles teria sido vandalizada. Mas aí seria um caso de violência política, enfim, bem diferente de um assalto no meio da avenida. E, segundo o George, essa ocorrência tinha a ver com uma intolerância no meio político dos Estados Unidos. Uma incapacidade de lidar com a diversidade do pensamento.

George Santos: Eu nunca sofri de xenofobia, homofobia, aliás, homofobia eu já sofri, sim, e engraçado pelos organizadores da Parada de Orgulho LGBT de Nova Iorque, que não deixam e não deixam eu participar. E é a elite! [risos] Eles dizem que não existe um espaço para mim porque na verdade não existe espaço para a diversidade de pensamento na organização LGBT em Nova York e isso é a parte que mais machuca. Eu sou um homem gay, um homem de origem extremamente humilde. Só porque eu tenho uma mentalidade mais conservadora, eu não sou bem vindo na conversa, na pauta ou participar da parada.

João Batista Jr.: Eles não deixam subir no caminhão de som.

George Santos: Nem– nem participar da marcha. Eu posso sentar e ficar olhando que nem todo mundo lá, porque aqui é parada parada mesmo, não é parada que nem no Brasil que é divertido.

João Batista Jr.: Daí pra frente, a conversa degringolou um pouco. Sabe quando a pessoa começa a jogar factoides? Fake news na cara dura? O

George deu o seguinte exemplo de como, segundo ele, a agenda gay nos Estados Unidos às vezes passa dos limites do razoável.

George Santos: Na cidade de Nova Iorque existem um total de 300 performances drag queen por dia em escolas da cidade de Nova York.

João Batista Jr.: É, isso seria ótimo pra formação de quadros pro RuPaul's Drag Race, mas não é verdade. Depois ele insistiu que mulheres no estado de Nova York podiam solicitar um aborto sem qualquer restrição até a véspera do parto – o que também não é verdade – e que no ano de 2021, 20 mil mulheres no estado tinham feito aborto no terceiro trimestre de gravidez. Uh-uh, não.

Quando eu desliguei, eu fiquei com a impressão de que a entrevista não tinha rendido muito... Que ia dar pra fazer alguma coisa, mas não uma matéria grande. Mas já deu pra perceber que a coisa mudou de figura.

É que a história se repete, né? A primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.

Nas eleições de 2020, o George ganhou as eleições, entre aspas, e perdeu pelas urnas pouco mais de uma semana depois. Nas eleições de 2022, ele ganhou nas urnas. Mas, três semanas depois da nossa conversa, tudo mudou.

O George Santos tinha se apresentado pra gente da mesma forma como se apresentou aos eleitores.

George Santos: O meu nome é George Santos. Eu tenho 34 anos. Sou filho de brasileiros imigrantes nos Estados Unidos. Sou formado em administração de empresas e economia e... pratico a minha minha

carreira há quase 14 anos, e tenho a oportunidade de hoje ser o congressista eleito pelo Estado de Nova York pelo terceiro distrito desde o dia 8 de novembro de 2022.

João Batista Jr.: Só que uma reportagem do New York Times colocou em questão quase tudo o que o George diz sobre si mesmo. Não o nome ou a idade, mas praticamente todo o resto. No currículo, constava que o George tinha feito a graduação numa faculdade pública do estado de Nova York, o Baruch College.

George Santos: Depois que me formei, fui pro Citigroup, trabalhei no Citibank no lado corporativo e daí a minha carreira foi...

João Batista Jr.: Vamos por partes. O George tinha contado pra gente que tava no mercado financeiro fazia 14 anos – ou seja, desde 2008. E que ele tinha passado pelo Citibank e pelo Goldman Sachs. Só que nenhuma das empresas tem registro de que ele tenha sido funcionário.

Na biografia oficial do George, constava que a mãe dele tinha chegado a ser uma executiva de alto escalão numa empresa financeira, e que ela teria estado numa das Torres Gêmeas de 11 de setembro. Nada disso batia com o que ele mesmo disse pra gente, sobre a mãe faxineira e cozinheira se virando em Nova York.

Nem as coisas pequenas se sustentavam. Lembra que ele contou que tinha sido barrado na Parada Gay de Nova York? Depois da nossa conversa, eu escrevi pros organizadores. Eles responderam rapidinho dizendo que ele não foi barrado em parada nenhuma.

O George também tinha declarado oficialmente que tinha fundado uma ONG que ajudava animais abandonados. Mas não existe nenhum registro da existência dessa ONG.

Ele disse ainda que ele tinha feito uma pequena fortuna no mercado financeiro. Mas, até 2017, ele vivia sendo despejado dos apartamentos que ele alugava, por falta de pagamento. E aliás, lembra daquela história da casa dele que teria sido vandalizada? Pois é, a dona do imóvel disse que isso nunca aconteceu.

Mais uma inconsistência no currículo: a Baruch College. A faculdade não tem registro do diploma do George, e diz que ele nem sequer chegou a ser aluno.

E tem um detalhe que eu ainda não contei, mas que também era um fato histórico nessa corrida eleitoral do terceiro distrito de Nova York: os dois candidatos, o republicano e o democrata, não eram só dois homens gays. Eles eram dois homens judeus. Pois é. O George se dizia católico praticante mas de origem judia.

George Santos: A família da minha mãe é imigrante no Brasil. São imigrantes europeus, imigrantes de sobrevivência como a gente diz, imigrantes da época do Holocausto.

João Batista Jr.: O George contou pra gente que os avós maternos dele fugiram da Ucrânia pra Bélgica, e da Bélgica pro Brasil. Mas nessa altura do campeonato, cê deve estar desconfiando que lá vem coisa, né?

Fábio Koifman: Eu sou o Fábio Koifman, eu dou aula na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sou professor de história e há 25 anos ou mais eu pesquiso entrada de estrangeiros no Brasil.

João Batista Jr.: Eu chamei o Fábio pra tentar desenrolar essa parte da história do George Santos.

Fábio Koifman: Olha e alguns por algumas evidências de problemas de narrativa. Isso não é isso, não é raro. Muitos dos descendentes de refugiados do nazismo não conhecem a história familiar. Ou os avós e pais, avós e bisavós não contaram. Evitaram contar e ou contar parcialmente. As pessoas têm, na sua memória, fragmentos dessas histórias.

João Batista Jr.: É, em muitos casos, quem teve que sair fugido da Europa ficou sem a documentação que poderia comprovar uma árvore genealógica, ou ficou tão traumatizado que nem quis falar disso depois. Mas o Fábio, em questão de um dia, me mandou um email assustadoramente grande em que ele tinha praticamente reconstruído a árvore genealógica inteira do lado materno da família do George, com base em certidões e outros documentos públicos digitalizados.

Fábio Koifman: O bisavô dele era, ele era belga, engenheiro da Bélgica e no finalzinho do século XIX, entre 18.. 85 e 84, 90 ele veio trabalhar, chegou a trabalhar no interior de Minas Gerais, onde conheceu a mãe, mãe, avó, bisavó de George, que era que, aliás, curiosamente, é uma senhora que tinha parentesco com Tiradentes.

João Batista Jr.: Ou seja: quem emigrou pro Brasil não foram os avós, no meio da Segunda Guerra Mundial. A emigração mais recente da família materna do George foi no final do século XIX. E os pais da mãe dele já nasceram no Brasil.

Fábio Koifman: O tio avô do George era um exímio pianista, famosíssimo.
José José Horta Devolder.

João Batista Jr.: Ok, não fugiram do nazismo. E não tinha outros indícios de que essa fosse, de fato, uma família judia. Mas o Fábio não queria cravar que eles não eram judeus. Ainda mais porque o George se identificava assim.

João Batista Jr.: Qual é a definição de um judeu?

Fábio Koifman: Essa é uma pergunta que tem muitas respostas. Aliás, dizem que todo judeu responde uma pergunta com uma outra pergunta, pra saber se o cara é judeu. Depende para quem. De acordo com ortodoxia, judeu é filho de mãe judia.

João Batista Jr.: Aqui eu devo dizer que a mãe do George era, ao que tudo indica, católica praticante.

Fábio Koifman: Ser judeu não é exatamente uma uma condição genética. Ninguém é judeu geneticamente.

João Batista Jr.: Pro Fábio, judeu é quem se define como tal. E apesar do fabulismo genealógico, esse era o caso do George. Ele se definia como judeu. Até recentemente.

No finalzinho de dezembro de 2022, o George deu uma entrevista prum jornal de Nova York em que ele confirmava que tinha mentido sobre uma porção de coisas.

Ele confessou que tinha dado uma exagerada no currículo. Que, de fato, ele não tinha se formado na faculdade, e que não tinha trabalhado nas firmas que ele falou.

Sobre a parte judaica, ele deu uma definição que, de tão surreal chega a ser engraçada. Em inglês, dá pra se referir a um judeu tanto como "jew" quanto como "jewish". Mas acontece que esse sufixo "ish", em outros casos, também pode querer dizer "meio". Tipo, se você quer dizer que uma cor é de um verde "meio" azulado, você pode dizer que é um "blueish green". Mas isso não funciona pra palavra "jew". Jew e Jewish são sinônimos, as duas palavras coisas querem dizer "judeu" e ponto final. Só que o George alegou que ele nunca tinha dito que ele era judeu-judeu – "Jew". Ele teria dito só que ele era "Jew... ish". Não era metade judeu. Era meeeio judeu.

Mas de todas as coisas que o George reconheceu ter mentido ou exagerado, de todos os "ish" que passaram a fazer parte do currículo corrigido dele, teve uma coisa que ele não assumiu. Tinha um registro de um crime que ele cometeu no Brasil, que ele negava peremptoriamente. Esse crime teria sido cometido em 2008, em Niterói.

Bruno Simões: Oi, João, tudo bem? Boa tarde.

João Batista Jr.: Boa tarde. Tudo bem, e você?

Bruno Simões: Tudo ótimo, João. Cara, deixa eu te dar os, porra, os parabéns, primeiro porque eu até, no começo a gente acha que algum tipo de trote...

João Batista Jr.: Quando eu mandei mensagem pro Bruno, ele quase me bloqueou achando que era trote.

Bruno Simões: Mas, cara, quando você escreveu o nome do cidadão, eu confesso que na hora eu não fazia ideia quem fosse. Mas quando coloquei

no Google e vi a imagem desse... desse bandido, pra usar uma palavra educada, cara, cê me tirou uma memória de quase, sei lá, cara, 15 anos atrás, cara.

João Batista Jr.: Depois que a lembrança voltou, ele topou me dar uma entrevista no estúdio.

Bruno Simões: Bom, pessoal, meu nome é Carlos Bruno Simões. Mas hoje em dia todos me conhecem como Bruno.

João Batista Jr.: Em 2008, o Bruno tava trabalhando numa loja em Niterói.

Bruno Simões: Eu trabalhava numa loja que vendia roupas de grife naquela época. Armani, Versace, Diesel...

João Batista Jr.: A loja vendia artigos importados, caros.

Bruno Simões: Pois é. Tava lá trabalhando, e um belo dia chega esse rapaz muito simpático [...]

João Batista Jr.: O rapaz fez a festa. Comprou um monte de coisa. O Bruno não lembra direito quais eram exatamente os itens – mas, entre outras coisas, tinha um tênis que ia ser um presente pro namorado.

Bruno Simões: Ele efetuou a compra em cheque – aliás, eu lembro até o nome, tá? Era Délio. O nome que ele se apresentou foi como Délio. Enfim, fez o pagamento normal. Assinou. Beleza! Ele parcelou a compra no cheque. Tudo tranquilo. E ele foi embora, levou as coisas. E aí, pouco tempo depois, não sei se foi um ou dois dias depois, eu fui avisado pelo dono da loja que o cheque estava sem fundo. Eu tentei fazer contato com

esse rapaz, com o Délio, e não conseguia. E aí eu comecei a perceber que eu tinha caído num golpe, numa fraude ali, e já preocupado porque era um valor alto 2 mil e alguma coisa. Você imagina esse valor em 2008?

João Batista Jr.: Foram 2.144 reais. Em valores atuais, seriam uns 5 mil reais. Não chega a ser uma fortuna, mas é bastante coisa pra se gastar numa tacada só. E era muito dinheiro comparado com o salário que o Bruno recebia como vendedor na loja.

Bruno Simões: Pra minha sorte, acho que dois ou três dias depois, entrou um rapaz na loja com uma caixa de um tênis. O tênis era da marca Ecko. Naquela época, era muito comum, enfim, tem um rinoceronte. Entrou esse rapaz com uma caixa de tênis e disse “vim trocar aqui um tênis tamanho 42”, e quando ele abriu, colocou na bancada e abriu o tênis, o rapaz que trabalhava comigo olhou e falou “cara, esse é o tênis que a gente vendeu para aquele cara e tal”. E aí a gente começou a conversar, ele disse “ganhei de presente”, enfim, a história batia e de fato, ele era, a gente entendeu, o namorado do Délio e ele, talvez, não sabendo que aquilo foi comprado através de uma fraude, foi na inocência trocar o tênis. Enfim, a gente seguiu esse cara na rua, João. Eu, naquele desespero ali, eu fechei a loja. A gente desceu para ver aonde ele ia.

João Batista Jr.: O Bruno e o colega dele seguiram o rapaz até outra loja, onde ele trabalhava como estoquista.

Bruno Simões: E aí foi a gente foi até ele. E cara, cadê o rapaz que te deu o presente e uma confusão danada... Ali eu fui parar na 77 DP com cheques na mão, ali com tudo.

João Batista Jr.: Foi na delegacia que o Bruno ouviu o nome do George pela primeira vez.

Bruno Simões: Parece que ele usou um cheque que era do patrão da mãe dele.

João Batista Jr.: Délio era um senhor de quem a mãe do George tinha cuidado. E ele já tinha morrido – a conta dele no banco tava fechada, inclusive.

Bruno Simões: Mas o fato é que tanto eu quanto a Polícia Civil não encontrava esse rapaz. E eu lembro, ó João, assim ir na casa da mãe dele, era uma casa com portão de madeira, muro de pedra ali. Naquele desespero de cara, tem que achar esse cara, esse cara, porra, pagar, né.

João Batista Jr.: O Bruno tava desesperado nesse nível porque o dono da loja tinha falado que ia tirar o prejuízo do salário dele. E como o processo criminal não andou, foi isso mesmo que aconteceu – mesmo não sendo o correto numa situação dessas.

Bruno Simões: Não vou lembrar em quantas parcelas, mas eu fiquei pagando isso durante muito tempo, cara, pagando e com raiva, cara, porque assim que eu vi aquele desconto eu lembrava do... do Délio, que hoje é o deputado George Devolder.

João Batista Jr.: Parece que logo depois desse incidente, o George voltou pros Estados Unidos, porque o Ministério Público não localizou ele depois. Aliás, o nome completo do George é George Anthony Devolder dos Santos. E, durante um bom tempo, ele não se identificava como George Santos, que é o nome com que ele se elegeu. Ele era Anthony Devolder. Ou Tony Devolder.

Naquela época, no desespero dele de reaver o dinheiro daquela compra fraudulenta, o Bruno acabou achando o "Tony Devolder" no Orkut. E o Tony chegou a prometer que ele ia devolver a grana assim que desse.

Bom, lá se vão 15 anos. Nem o Tony, nem o George pagaram.

Bruno Simões: Aliás, se tiver o deputado ouvindo a gente, aí, é bom pagar. É sempre bom. Agora está podendo, né?

João Batista Jr.: Depois que o Bruno pagou todas as parcelas, aquela memória foi se apagando. Ele não tinha passado esses anos todos pensando no prejuízo que o George-Tony-Délio deu pra ele. Mas quando eu liguei pra ele, tudo voltou com força. E ele ficou meio obcecado.

Bruno Simões: Eu não sei se eu ria ou chorava, ó, João. Aí eu vi que ele tinha o Facebook, uma coisa muito louca. Vi que ele tinha Instagram. Eu fui dar uma olhada ali. Fui dar uma Googada aí. Coloquei no YouTube para ver se chegou uma entrevista dele. Eu fiquei, falei: "Pô, não é possível". E aí eu vi uma entrevista que mais me chamou a atenção, que foi a do Paulo Figueiredo, com esse, esse cidadão, com o George e eu.. No começo da entrevista, eles muito orgulhosos do feito desse rapaz, né?

Paulo Figueiredo: E realmente é o sonho americano se concretizando. E eu fico muito feliz de nós... termos até onde eu tenho notícia você que é brasileiro, além de filhos brasileiro, você é e brasileiro. Você é o primeiro brasileiro que eu saiba que tem um assento no Congresso dos Estados Unidos. Então parabéns, em primeiro lugar.

Bruno Simões: Ele fala assim: "George, eu conheço a sua história". Essa frase – "eu conheço seu passado conheço sua história, sua enfim, os seus pais"...

Paulo Figueiredo: Eu vi a sua trajetória e fiquei absolutamente impressionado com isso. Conheço sua origem, conheço sua origem da sua família.

Bruno Simões: Eu fiquei olhando esse... eu falei: Mas não conhece não, cara, não conhece mesmo. Eu fiquei pensando assim: "Poxa, se ele tivesse sido eleito, e o único crime, o único erro que ele cometeu tivesse sido esse comigo lá atrás..." Pode ser, o cara pode ter se arrependido, pode ter, enfim. Mas, pelo que eu ouvi, não é o caso, cara, parece que ele continua ainda tentando enganar as pessoas a enganar os eleitores. Pra mim foi um choque. Cara, quando vi esse cara eleito deputado, falei: "Pô, não é possível". Eu devo estar no metaverso que o cara desse processo criminal – que aliás, já fui descobrir, não prescreveu. Isso é o mais curioso. Eu tenho um amigo que falou assim: "Cara, você pode inclusive tentar acionar o cara. Só que agora deve ter um corpo de advogados muito bom, então é melhor deixar pra lá".

João Batista Jr.: Nesse meio tempo, com o estardalhaço todo em torno do caso do George, o Ministério Público do Rio até reabriu o processo.

Bruno Simões: Bom, quem faz esse tipo de coisa geralmente ou dá muita sorte ou dá muito azar. Não sei como é que o deputado aí, pra qual lado que ele vai, se a carreira dele vai ser longa ou não. Mas o que eu puder fazer para reaver esse dinheirinho hoje corrigido, não seria nada mal.

João Batista Jr.: A história que o George me contou, um mês depois das eleições de 2022, era uma história de superação. De meritocracia. De alguém que veio de baixo, superou perdas e derrotas e acabou vencendo.

George Santos: Tudo sobre a minha vida é simples e foi nas coxas e foi difícil. Nada foi fácil, e isso aí é fato. E eu corri atrás. Eu acho que olha, eu digo isso com toda a sinceridade do mundo, para vocês dois, se eu consegui, qualquer um consegue. Não sou especial. Eu não sou um ser humano especial. Eu só corri atrás. Eu tive um sonho, tracei e corri atrás e trabalhei. Eu ralei, eu passei perrengue e a vida não foi fácil.

João Batista Jr.: Na hora, eu ouvi esse depoimento de um jeito. Hoje, eu ouço de outro. É verdade que ele ralou e passou perrengue. E, longe de simples, a história dele parece cada vez mais complexa. Mas a frase que me preocupa é: "se eu consegui, qualquer um consegue".

George Santos: É aquilo, eu nunca desisti de correr atrás. Eu acho que todo mundo deve fazer igual. E se você tem um sonho, não importa o quão absurdo ele seja, corre atrás. Vale a pena.

João Batista Jr.: Uma pergunta que muita gente se fez, logo depois da matéria do New York Times, é: como que ninguém percebeu isso antes? Como que ninguém fez o mínimo de apuração?

Pra muita gente, a resposta tem a ver justamente com o jornalismo. Com o fato de o jornalismo local – no caso, lá de Long Island – tá tão sucateado de forma geral que não tinha nenhum repórter pra investigar essa história direito. Só se olhava as corridas do Congresso de cima, de uma perspectiva nacional. E olha que Long Island não é nenhum fim de mundo – é do lado de Manhattan. Mas agora Inês é morta e o George é deputado.

Nesse contexto, sem a fiscalização que teria que ser feita sobre as declarações e as biografias dos candidatos, talvez qualquer um consiga mesmo.

Eu tinha ido atrás do George Santos porque a história dele era a história de um brasileiro dentro do Congresso americano. Mas aquele pedaço de Nova York, o terceiro distrito, é o berço de um grande personagem americano. O Grande Gatsby.

Nesse romance de 1925, F. Scott Fitzgerald acabou criando um personagem icônico da literatura dos Estados Unidos. Jay Gatsby é um milionário misterioso e glamoroso, um *self-made man* por excelência que dá festa atrás de festa na mansão dele em Long Island. Ao longo do livro, toda aquela imagem vai caindo aos pedaços, pouco a pouco. Ele tava se esforçando pra se fazer passar por um cara sofisticado, formado em Oxford, quando ele era filho de agricultores e não tinha nem terminado a faculdade. A fortuna dele veio do contrabando e de esquemas criminosos. E o nome dele nem era Gatsby, era Gatz. O livro termina com o Gatsby morto e o sonho americano parecendo cada vez mais oco e distante.

No final dessa história toda, revisitando aquela entrevista com George antes de tudo vir à tona, outra frase me chamou a atenção. Foi na hora que ele tava explicando por que que ele era contra a imigração ilegal.

George Santos: Eu incentivo extremamente as pessoas que querem vir para cá a fazer. Mas eu também incentivo que seja feita de forma correta. Porque eu acho assim: imagina você iniciar um relacionamento com uma mentira. Ou com, com um fazendo uma coisa errada, né? Então eu acho

que não. Não é beneficente nem para mim, nem, nem para você nesse relacionamento.

João Batista Jr.: Pro George, esse pecado original – do imigrante que entra no país sem ser pelos canais oficiais – é tão grave que contamina toda a relação desse imigrante com o país do qual ele tá querendo fazer parte. Na conversa com a gente, ele comparou com um relacionamento amoroso mesmo. Como uma mentira pode tornar tudo tóxico.

Então o que dizer de um candidato ao Congresso que, na hora de começar um relacionamento com o público, começa não com uma mentira, não com duas, mas com um caminhão de mentiras?

O destino do George não tá escrito em pedra. E o maior mistério – a origem do dinheiro que ele usou pra bancar a segunda campanha dele pro Congresso, a origem da fortuna que ia fazer com que ele pudesse abdicar do salário de congressista – esse mistério ainda não foi esclarecido.

As denúncias e as investigações já começaram a chover. Mas dá pra dizer que o George é um cara de sorte.

Numa eleição de meio de mandato presidencial, o normal, nos Estados Unidos, é que a oposição ganhe força. O que muita gente previa pra 2022 era uma tomada republicana do poder, com maiorias nas duas casas do Congresso.

Mas isso não aconteceu. Os democratas seguraram o Senado, até ampliaram a maioria deles um tiquinho. Já os republicanos levaram a Câmara, mas por uma maioria muito pequena. Isso já era desconfortável pra liderança do partido, porque significava que, em qualquer votação, eles iam ter que ter praticamente a bancada inteira alinhada. E a última coisa que eles querem é

perder mais um soldado. O que significa que, pro George, o sonho americano ainda pode tá muito vivo.

George Santos: Eu estou extasiado ainda. E eu vou te dizer uma coisa de verdade. Ainda não caiu a ficha. Acho que vai cair a ficha quando eu botar a minha mãozinha em cima da porque eu vou levar a Bíblia e o Cor-- e o Torá pra minha cerimônia. Então quando botar minha mãozinha em cima dos dois e levantar a mão, eu vou falar assim: "Nossa, agora caiu a ficha!"

Kevin McCarthy: All members-elect will raise their right hand. [segue em BG] Do you solemnly swear and affirm that you will support and defend the Constitution of the United States of America against all enemies [...]

João Batista Jr: No final, o George nem teve a cerimônia de posse dele. Isso porque o empossamento aconteceu na madrugada de uma sexta prum sábado, graças a uma disputa muito confusa pela liderança da Câmara que se arrastou durante vários dias. O rito de praxe é a posse individual de cada congressista, mas no final foi só todo mundo junto, no meio da noite, levantando a mão e jurando. Dando a palavra que iam defender a Constituição.

Na hora do juramento, a câmara fechou justamente no George. Durante uns bons segundos, enquanto o líder da Câmara falava, ele fechou os olhos.

Kevin McCarthy: [...] so help you God?

Congressistas: [Aye!]

Kevin McCarthy: Congratuations..

João Batista Jr.: E a ficha? Parece que ainda tá caindo.

Branca Vianna: Esse foi o João Batista Jr., que fez essa história com a diretora de pesquisa da Novelo, a Flora Thomson-DeVeaux.

O João tá apurando essa história tem um tempo, e ele também escreveu uma matéria que saiu agora no site da revista piauí, cheia de mais detalhes sobre as muitas vidas do George Santos. Vale a pena passar lá pra ler – mas só depois que acabar esse episódio aqui.

Agora: toda essa história do George Santos começou, na verdade, quando alguns repórteres do New York Times ficaram curiosos com esse congressista novato, e foram atrás de fazer um perfil dele. Não era uma investigação propriamente dita.

Eles só queriam achar pessoas com quem ele tivesse trabalhado, com quem ele tivesse estudado, pra ter uma noção de como ele era como pessoa, mesmo. Só que quando eles viram que ele não tinha trabalhado, nem estudado, onde ele dizia ter trabalhado e estudado... isso acabou revelando muito mais sobre quem ele era.

Nossa segunda história da semana começa de um jeito parecido, meio inocente.

E quem conta é a diretora de criação da Novelo, a Paula Scarpin.

Paula Scarpin: O estudo da História – assim como todos os estudos, né? – é dado a modinhas. E aqui eu tô falando da História com "H" maiúsculo. Teve a fase de estudar "os grandes acontecimentos", a "história dos vencedores"... depois alguém se tocou de que podia ser bem interessante mergulhar na história dos "vencidos", dos que sobreviveram aos genocídios... aí teve uma tendência divertida de se debruçar na "micro história", a história de um único molheiro na Itália no século XVI – e o que a história daquele cara ajudava a entender de inquisição...

E teve uma modinha mais ou menos recente que era a de investigar a própria família.

Carol Pires: Começavam com essa coisa de entender quem era o avô, quem era o bisavô e acabavam chegando a histórias incríveis, outras trágicas. Então, sei lá. Tenho uma amiga que teve um parente distante escravocrata. Então, a partir disso, ela consegue fazer investigações mais históricas, sociais, enfim, sobre o país e sobre as origens e tal.

Paula Scarpin: Essa é a Carol Pires.

Carol Pires: [04'00"] Carol Pires, sou jornalista e roteirista.

Paula Scarpin: E ela ficou interessada em entrar nessa modinha.

Carol Pires: Eu tinha esses meus amigos argentinos que eram sempre de famílias de judeus, então chegavam também em lugares assim. E aí eu lembro de nessa época ficar pensando, né, não tem nada na minha vida que eu possa investigar para virar um livro, porque é todo mundo de Alexânia, morreu a história.

Paula Scarpin: Alexânia é uma cidade-satélite de Brasília.

Carol Pires: Minha família é muito latino americana gabesca.

Paula Scarpin: "Gabesca", de Gabo, apelido do Gabriel García Márquez, o grande escritor colombiano, o maior expoente do realismo mágico.

Carol Pires: Realismo mágico, tipo foi aquilo, mas não foi exatamente aquilo. Não tem fundamento científico. Assim, eles contam melhor do que foi.

Paula Scarpin: "Eles contam melhor do que foi". E tinha uma história espetacular sobre a família dela que a Carol ouvia desde pequena.

Carol Pires: A minha mãe sempre dizia essa coisa de que "Sua bisavó está no livro dos recordes como a mulher mais velha do mundo".

Paula Scarpin: A mulher mais velha do mundo.

Carol Pires: Eu nunca dei muita bola, porque eu acho que eu fiz uma pesquisa rápida no Google: "mulher mais velha do mundo", e era, sei lá, uma indiana, não era a minha avó. Então nunca dei muita bola para o assunto. Mas...

Paula Scarpin: Virou uma lenda familiar.

Carol Pires: É, uma lenda familiar. Ela sempre mencionava isso. Ou então minhas tias. Mas elas têm pouca informação sobre a própria família. Então a minha avó, aí sim minha vó, mãe da minha mãe, se chamava

Maria. Só que ela morreu quando minha mãe tinha uns sete anos e a minha mãe não sabe o sobrenome dela. Então ela é Maria Pires, porque meu avô era Miguel Pires, mas a gente não sabe qual é o sobrenome original de solteira dela. Ó, quando eu comecei a investigar, era março de 2017. Perguntei pra minha mãe se ela tinha a certidão da vó Maria, ela disse que não...

Paula Scarpin: Ok, a família da Carol é dessas muitas famílias brasileiras que nem têm como ter grandes árvores genealógicas...

Carol Pires: Porque daí também tem essa história que minha mãe sempre conta, de que minha avó foi pega no laço numa tribo. Então, tem essa minha avó indígena, que a gente não sabe exatamente se era a minha avó, se era a minha bisavó ou quem era realmente indígena que morava em tribo antes de ir morar em cidade. Essa família indígena que eu não consigo terminar de descobrir.

Paula Scarpin: Os registros são escassos, e a família da Carol, digamos, tem uma relação diferente com a memória.

Carol Pires: ... uma relação diferente com a memória.

Paula Scarpin: A Carol, lembra, é jornalista. E no jornalismo a gente trabalha com checagem, com documento pra embasar. Era tudo que a família dela não tinha. A mãe dela não tinha nem a certidão de nascimento da vó.

Mas se essa bisavó dela tivesse ido parar em alguma edição do Guinness, do Livro dos Recordes, não devia ser tão difícil de achar.

Carol Pires: E daí eu decidi investigar a história dela, ter sido, se ela estava ou não no livro, no livro dos recordes.

Paula Scarpin: Você sabia o nome dela? O que é que você sabia? Com o que você podia procurar?

Carol Pires: Eu sabia que o nome dela era Delfina. Eu acho que ela – na época minha mãe só sabia um dos sobrenomes dela que eu não lembro se era Freire ou da Costa, que é Delfina da Costa Freire. Então eu comecei a pesquisar isso de "mulher mais velha, idade". Não lembro agora o tipo de busca que eu estava fazendo na Biblioteca Nacional. Até que eu achei essa história da mulher que morreu com 154 anos, que era Delfina da Costa Freire, que era de quem minha mãe sempre estava falando, e eu fiquei enlouquecida.

Paula Scarpin: 154 anos. Mas não era possível.

Paula Scarpin: 154 eu nunca ouvi falar, mas também não sou uma especialista. Já ouvi falar em 120...

Carol Pires: Sim, a idade nunca fez muito sentido. Vamo ver. Lista das pessoas mais velhas do mundo. [...] [38'36"] Fala aqui de uma francesa que morreu com 122. Acho que isso é uma lista mais crível. Uma americana com 119. Uma japonesa que ainda está viva com 118. Outra japonesa, com 117. E por aí. Acho que é isso, máximo 122.

Paula Scarpin: Mas você tinha achado a primeira vez num livro? Ou foi num jornal?

Carol Pires: Foi no jornal Folha de Goiás. Era um jornal de Goiânia. Eu achei a matéria, aí tinha o nome de um jornalista assinando. Então eu liguei para um amigo em Goiânia perguntando se ele conhecia esse

jornalista. Ele não conhecia, mas lembrava o nome que era da velha guarda. E aí conseguiu. Descobriu que ele já tinha morrido. Mas aí então eu entrei em contato com a família do jornalista, que me disse que talvez o fotógrafo soubesse. E aí fui atrás do fotógrafo. E também não acho que o fotógrafo não conseguia encontrar. Que é que eu fiz? Na época eu contratei um pesquisador lá em Goiânia, para ele tentar achar os arquivos desse jornal, que era um jornal que não existia mais. E aí ele chegou lá. Numa semana, eles iam queimar todo o arquivo desse jornal. E ele foi, falou "olha, consegui e consegui pegar o original porque eles iam queimar".

Paula Scarpin: E deram pra ele o original?

Carol Pires: É...

Paula Scarpin: A Carol tinha uma cópia digitalizada dessa reportagem no celular dela.

Carol Pires: Diz: "José Luiz, que foi o recenseador que entrevistou a senhora Delfina da Costa Freire, viúva residente na zona rural de Alexânia. A senhora Delfina, por sua vez, seria simplesmente uma das tantas pessoas entrevistadas para efeito da realização do 8º recenseamento geral do Brasil, não tivesse o recenseador procurado descobrir a sua idade, que a anciã ignora por completo. 'Gente velha não sabe nada', diz sempre. José Luiz procurou descobrir algum documento de identidade, e encontrou seu batistério. A data do nascimento estava bastante clara: 12 de abril de 1816". Isso era um jornal de 1970. "Quase mecanicamente, fez a anotação no formulário. Só então se dá conta de que está diante de um caso fantástico. A mulher brasileira que presta as informações para o Censo tem nada menos do que 154 anos. O

recenseador acautela-se, examina mais detidamente o documento, mas a data está firme. Não houve engano. Dona Delfina é a pessoa mais idosa de todo o recenseamento".

Paula Scarpin: "A pessoa mais idosa de todo o recenseamento". Só "do recenseamento", não, meu senhor! Eu fico besta com isso – como assim, gente?

Se o registro da pessoa mais velha gira em torno de 120 anos, como é que dá pra engolir alguém que viveu mais três décadas? Mas tá, o recenseador também não comprou a informação assim de pronto. Ele foi puxar um outro documento pra comprovar.

Carol Pires: "Na Paróquia de São Santa Luíza de Luziânia, entretanto, o livro de batismos número 6, as folhas 65, está lá o registro do batismo. Dona Delfina nunca fumou. Gosta de cheirar rapé." Ou seja, da minha família mesmo. "E, a propósito, se queixa de que os netos não deixam parar um pedaço de fumo dentro da sua casa. Era parteira renomada, conhecida em toda a região. Até hoje, ministra os remédios para os filhos e netos. Tudo na base de raiz ou de ervas do campo, pois nunca tomou uma gotinha sequer de remédio de doutor. Não conhece injeção, vacina, nunca viu televisão, nem telefone e não sabe o que é jardineira. Para as doenças, porém, tem sempre uma receita. Se for dor de cabeça, tome chá de folha de laranja. Para a gripe, limão fervido. Para queimaduras em emplastro de mastruz. Agora, diz, 'Se for mau olhado, nada melhor do que três Ave-Marias rezadas enquanto se faz três cruzes com raminhos verdes'. 'E para se viver 150 anos?' – pergunto-lhe. 'Ah, meu filho, isso eu não sei. E só Deus'." Depois que saiu essa matéria e os outros jornais descobriram, começaram a ir lá para Alexânia, gravar a Delfina e fazer reportagem. O padre da cidade foi lá e levou a Delfina numa missa e então ela virou uma celebridade no mundo e tal.

Paula Scarpin: "Uma celebridade no mundo", porque a lenda familiar não para por aí. Ela tem uma reviravolta.

Carol Pires: E aí parece que ela fez uma viagem aos Estados Unidos – isso eu nunca consegui encontrar – mas que ela teria sido levada para os Estados Unidos, e a teoria [...] [30'49"] é que lá nos Estados Unidos, como ela comeu besteira – hambúrguer e não sei o que, ela morreu no ano seguinte. Porque a teoria é essa. Sempre morou no mato, só comia coisa natural, da horta, não sei o que. Levaram pros Estados Unidos, ela ficou meses lá comendo coisas que ela não estava acostumada – e passou um ano ela morreu. E realmente ela morreu depois de um ano. Assassinada pelo McDonalds.

Paula Scarpin: A Carol até achou referências à Delfina em jornais americanos.

Carol Pires: Aí fala no Los Angeles Times. "Woman who's 154 dies in Brazil".

Paula Scarpin: E nunca falavam, faziam nenhuma menção a essa viagem.

Carol Pires: Não, não achei nada disso de que ela teria ido lá, sabe?

Paula Scarpin: As notícias da morte eram de junho de 1971 – ou seja, se ela nasceu em abril de 1816, a Delfina teria morrido com 155 anos. Nessa altura, a Carol tava viciada na investigação. Ela descobriu que a Delfina teria aparecido no Fantástico, da rede Globo.

Carol Pires: Então eu fui atrás, claro, nos acervos da Globo, Delfina da Costa Freire.

Paula Scarpin: Ela escreveu pro acervo da Globo pedindo pra ver essa reportagem.

Carol Pires: E eles ficaram um tempo procurando isso no acervo deles. E eles me responderam: "Olá, Carol, boa tarde. Infelizmente não dispomos da reportagem no acervo. Pode ter se perdido no incêndio."

Paula Scarpin: Tinha tido um incêndio na Globo décadas antes, e parece que a reportagem da bisavó da Carol virou fumaça aí. Jornal queimado. Fita queimada. Era como se tivesse uma conspiração mundial pra apagar as provas de que a bisavó da Carol tinha sido a mulher mais velha do mundo.

Mas tinha alguma coisa nessa história que não tava batendo.

Paula Scarpin: 1970... então, sua mãe lembra dela?

Carol Pires: Não, a minha mãe é de 66.

Paula Scarpin: Era muito novinha.

Carol Pires: Minha mãe é de 66, vamo lá.

Paula Scarpin: Sua mãe de 66, pera, deixa eu pegar um caderno.

Paula Scarpin: Vou te poupar da nossa matemática estabanada e resumir rapidinho. Quando a Carol olhava as datas de nascimento da mãe, da vó, e da bisavó, a conta não fechava.

Paula Scarpin: A Joana nasceu em 1966...

Carol Pires: Minha avó morreu em 1973.

Paula Scarpin: Ela chama Maria, é isso?

Carol Pires: Maria.

Paula Scarpin: Maria morreu em 1973...

Carol Pires: A minha mãe não sabe quantos anos a minha avó tinha quando morreu, porque lembra que a gente não tem documentação sobre ela. Mas a minha avó tinha no máximo uns 40 anos.

Paula Scarpin: Porque senão não teria tido filhos.

Carol Pires: Então pensa que a minha avó Maria deve ter nascido...

Paula Scarpin: Em 33.

Carol Pires: Em 33?

Paula Scarpin: No máximo 33.

Carol Pires: Nenhuma conta bate. Então tem que ter uma geração entre a Delfina e minha avó. Eu fiquei muito tempo nesse limbo de entender que não fazia sentido ela ser minha bisavó. Se ela nasceu em 1816, ela teria que ser minha tataravó, no mínimo dando um. Vidas bem longas e

gravidezes tardias. Então, essa matemática eu nunca fechava, e eu não conseguia avançar porque não sabia os nomes da avó Maria, né?

Paula Scarpin: Mas aí a Carol continuou procurando. E quem procura – a gente sabe... – corre o risco de encontrar.

Carol Pires: E aí eu fui e fui refazer tudo que eu tinha pesquisado para ver se eu tinha deixado passar alguma coisa e para organizar tudo direito. Eu acho que essa reportagem fala: "Também se pensou ter sido descoberta a mulher mais velha do mundo, Delfina Freire, de Alexânia, Goiás. Mas ela tem só 97 anos. Havia apresentado por engano a certidão de nascimento de sua mãe, datada de 1816. Antes que fosse descoberto o equívoco, ganhou muitos presentes e sua casa foi reformada numa campanha dos Diários Associados."

Paula Scarpin: Gente!

Paula Scarpin: Delfina não foi a mulher mais velha do mundo. Aquela que nasceu em 1816 não era a bisavó, mas a tataravó da Carol. No mínimo tataravó, na verdade, porque seguindo a matemática, a Delfina-mãe teria tido a Delfina-filha aos 57 anos, isso no século XIX. Era mais provável que uma Delfina fosse a avó da outra. Eu fiquei tão passada com essa reviravolta, que o primeiro comentário que eu pensei em fazer pra Carol foi:

Paula Scarpin: Eu estou pensando que a Delfina era muito mais apegada a documentos do que a sua mãe. Porque ela guardou da mãe dela.

Carol Pires: Ela guardou o da mãe dela. Sim, mas aí o que aconteceu? Quando eu descobri isso, eu contei isso para minha mãe e pedi para ela

não contar para ninguém. Eu fiquei com pena de desmanchar a história, de dizer para elas que não existe.

Paula Scarpin: Checagem no Gabriel García Márquez.

Carol Pires: Fact-checking no realismo fantástico.

Paula Scarpin: Tipo, qual a chance de acontecer uma pessoa que nem a Carol, assim, na família, que vem falar assim “hum, deixa eu ver esses acervos...”

Carol Pires: Tem isso. Eu sou eu sou um ponto fora da curva da minha família materna, né? Antes de mim, ninguém tinha feito faculdade. Enfim, eu morei fora. Outra cabeça se eu sou jornalista, né? Então... ah, achei sacanagem falar para eles.

Paula Scarpin: A Carol tinha embarcado nessa missão investigativa pra tentar honrar, enriquecer a história da família dela. Ela usou todas as ferramentas que a formação dela tinha dado. Finalmente, a família ia sair do terreno do realismo fantástico e entrar pro mundo do jornalismo. Se desse certo, ela podia reivindicar pra dinastia Pires a glória da longevidade suprema. Mas não foi isso que rolou.

Carol Pires: Quando eu descobri que não, ela não tinha, eu fiquei tão mal, porque eu acho que era melhor ter ficado o mistério do que que era. Ou não, não sei.

Paula Scarpin: Mas foi você que foi mexer nesse negócio, cê podia ter só acreditado.. Mas não é sua cara.

Branca Vianna: Essa foi a Paula Scarpin, conversando com a Carol Pires – que também é colaboradora da Novelo, e apurou, roteirizou e apresentou o Retrato Narrado, série de 6 episódios sobre o Jair Bolsonaro – parceria da Novelo com a piauí e o Spotify, lançado em 2019.

O Rádio Novelo Apresenta desta semana vai ficando por aqui.

Não esquece de dar um pulo no site da revista piauí pra conferir a matéria do João Batista Jr. sobre o George Santos.

E aproveita pra visitar também o nosso site, radionovelo.com.br, onde sempre tem material extra de tudo o que a gente produz – inclusive do Apresenta – e onde você pode assinar nossa newsletter.

Queria te pedir também pra seguir o Rádio Novelo Apresenta no seu aplicativo de podcasts preferido, dar cinco estrelas – e, principalmente, falar da gente por aí, postar nas redes sociais, comentar nos grupos de zap, no bar, no samba, com os amigos...

Agora, se você quiser falar com a gente – pra comentar alguma coisa aqui do episódio, ou até mandar uma ideia de história aqui pro podcast – é só mandar e-mail pro apresenta@radionovelo.com.br, ou marcar @radionovelo nas redes sociais.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Toda quinta-feira tem episódio novo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Clara Rellstab, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro.

O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.